Mestre Bimba e seus alunos

uma prática educativa

Hellio Campos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CAMPOS, H. Mestre Bimba e seus alunos: uma prática educativa. In: *Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba* [online]. Salvador: EDUFBA, pp. 206-224. ISBN 978-85-232-1727-3. Available from: doi: [10.7476/9788523217273.0018](https://doi.org/10.7476/9788523217273.0018). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/p65hq/epub/campos-9788523217273.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Mestre Bimba e seus alunos: uma prática educativa

Inciamos a abordagem da prática educativa de Mestre Bimba com algumas questões. Como podemos conceber o método utilizado por Mestre Bimba para alcançar seus objetivos? Quais os caminhos por ele trilhados, e as estratégias e técnicas empregadas? Quais os procedimentos de conduta e relacionamento com seus alunos?

Já dissemos anteriormente, que Mestre Bimba criou a Capoeira Regional, chamada também de “Luta Regional Baiana”, aproveitando-se dos seus conhecimentos da Capoeira Angola, adquiridos nos ensinamentos com seu mestre, o africano Bentinho, e do Batuque, na convivência com seu pai, Luiz Cândido Machado, batuqueiro famoso.

Pelo fato de recriar a capoeira e dar uma nova cara a essa arte-luta é que alguns autores o consideram como o *magô* da capoeiragem baiana, entendendo que Mestre Bimba, ao conceber a Capoeira Regional, estabelece uma ruptura com a capoeira então praticada, destacando-se entre os demais capoeiristas da época, passando a exercer uma liderança, sendo enaltecido como ídolo popular, confirmando o respeito nas rodas de capoeira, nas desavenças com a polícia e maestria no ensino de sua arte.

Esse acontecimento marca um período histórico, sendo lembrado pelos estudiosos como um rito de passagem, que distingue definitivamente uma nova era para a capoeira. Por esse motivo, Mestre Bimba se diferencia dos capoeiristas da época, tornando-se um líder, conquistando o poder e sendo reputado como um agente de mudanças, um autêntico herói afro-descendente e até mesmo considerado um *rei negro*. Através da sistematização da Capoeira Regional, Mestre Bimba suscitou uma nova abordagem pedagógica da capoeira: montou academia¹, estabeleceu aulas regulares, lições, livro didático, discos, cursos avançados, turmas de alunos com horários preestabelecidos e a metodologia do ensino, através dos exercícios, golpes, sequências, jogos diferenciados e grupo de apresentação.

Mestre Itapoan ressalta que a diferença entre Mestre Bimba e os outros capoeiristas da época está em Bimba ter criado um método de ensino, e não aleatoriamente: pesquisou os golpes, as esquivas e as defesas, e seu método desafia os tempos, resistindo até hoje a todos os modismos (1994, p. 61).

Na qualidade de aluno, participei de muitas conversas com Mestre Bimba, verdadeiras aulas teóricas sobre a Capoeira Regional e lembro-me perfeitamente dele mostrando alguns golpes, defesas e saídas que foram pesquisadas por ele. Tinha sempre argumentos coerentes

para suas explicações, justamente por que estavam fundamentadas nas suas experiências investigativas, em outras palavras, balizadas por terem sido postas em prática.

Abreu diz que essa atitude pessoal de Bimba teve “consequências históricas de ordem coletiva: ao projetar-se socialmente projetou seu ofício” (1999, p. 26); deu uma nova conotação à arte de capoeira, agora também na figura do mestre de capoeira, um professor com responsabilidade de passar seus conhecimentos para os alunos. E lembra que Bimba foi o primeiro a abrir um espaço para o ensino regular, uma academia, em 1932, no Engenho Velho de Brotas.

Depois das experiências de ensino da capoeira na Roça do Lobo, Bimba ministrou aulas em domicílios, para alunos de classes abastadas e políticos, tendo posteriormente uma experiência no Clube União em Apuros.

Figura 6 - Quadro referente à conclusão do curso de Capoeira Regional.
Fonte: “Mestre Bimba: a crônica da capoeiragem”, de Jair Moura.

Na foto acima, apresentamos um quadro, focalizando a conclusão do curso de Capoeira Regional. Vemos Bimba, circundado pelo paraninfo Delfino e por Cisnando, em homenagem especial.

Em 1936, Clube de União, em Apuros, tinha como sede um imóvel situado na Rua do Bângala, nº 86. O proprietário era o Dr. Luiz Gonzaga Ferrer, um devotado amigo de Bimba, e genitor de Asclépios, distinto aluno do mestre. Segundo Jair Moura, é “imprescindível elucidar que o referido clube foi criado com o objetivo de manter disfarçadamente o ensino da capoeiragem, numa época em que campeavam as medidas repressivas das autoridades policiais, que visavam aniquilar ou erradicar a propagação dessa luta”².

No intuito de propagar o seu método de ensino, Bimba editou, na década de 1960, um livro didático intitulado “**Curso de capoeira regional de mestre Bimba**”, no qual consta o regulamento da academia e o método de ensino dividido em 14 lições. A sequência de ensino está contemplada em seis lições.

A primeira lição trata do gingado como a parte mais importante do aprendizado da capoeira; a segunda, enfoca a meia-lua de frente, armada, queda de cocorinha, negativa e saída de aú; a terceira, focaliza os dois martelos, armada, bênção e a saída de aú; a quarta lição (lição retrospectiva), sugere uma prática de jogo, ao som do berimbau, utilizando os movimentos já aprendidos; a quinta lição diz respeito aos dois godemes, galopante, arpão de cabeça e joelhada; a sexta lição destaca a meia-lua de compasso e sua defesa na queda de cocorinha; a sétima lição ensina o golpe desequilibrante da vingativa e a saída de rolê; na oitava lição são apresentados os golpes desequilibrantes da banda de costa, banda trançada e mais um golpe traumatizante, o asfixiante; na nona lição evidencia as rasteiras e suas principais variações; nas lições de número dez, onze e doze, Bimba ressalta o treinamento da cintura desprezada; na décima terceira, propõe o treinamento dos golpes ligado quebra-pescoço, do traumatizante bochecho e do de projeção, a cruz; e finaliza o seu método com a décima quarta lição, enfatizando a defesa contra as armas brancas. Apresenta também, uma sugestão de exercícios básicos e recomenda o treinamento completo, ou seja, o jogo de capoeira usando as músicas do seu disco que leva o mesmo nome.

Neste compêndio, a premissa metodológica sugere que os treinamentos sempre aconteçam em duplas, pois dessa maneira o aprendizado torna-se bem mais eficiente, porque exige que ambos alunos pratiquem juntos todos os movimentos sugeridos no livro.

APRENDENDO A CAPOEIRA REGIONAL

Até 1972 só existia uma escola de Capoeira Regional — o CCFR — localizada no Maciel de Cima, próximo ao Terreiro de Jesus, no Centro Histórico de Salvador, um local de difícil acesso, visto que ali funcionava um dos principais meretrícios da cidade, num belo sítio histórico em decadência.

Essa não seria a principal dificuldade para se chegar até a academia de Mestre Bimba. O preconceito contra as manifestações culturais e populares advindas dos negros escraviza-

dos era outro forte empecilho, sem falar nos receios explícitos sobre a violência na capoeira. Talvez por esses motivos aqui explicitados é que Bimba valorizava tanto quando alguém chegava sozinho para se matricular no CCFR. A rigor, os seus alunos na sua maioria eram levados por outros alunos mais antigos.

O futuro aluno, ao chegar na academia, era interpelado por Mestre Bimba, que logo lhe fazia umas perguntas básicas, com a finalidade de conhecer melhor o candidato: Por quê escolheu a Capoeira Regional? Onde estudava? Quem o levou? Qual sua idade? Quem é sua família? E até perguntava de maneira humorada se tinha tijubina.³

Mestre Bimba disse que aplicava esse procedimento, pois não queria que vadios, malandros e vagabundos frequentassem sua academia. Entendia ele que esses indivíduos eram perniciosos e causavam danos à imagem da capoeira.

Em seguida, o candidato era submetido ao exame de admissão, em que Bimba verificava as habilidades motoras do novo aluno, submetendo-o aos exercícios básicos obrigatórios: cocorinha, queda de rins e deslocamento para trás (ponte). Esses exercícios tinham também, como finalidade, investigar os aspectos das valências físicas, a exemplo da flexibilidade, da força e do equilíbrio.

Itapoan afirma que em outros tempos o exame era mais contundente, o mestre aplicava uma “gravata” no pescoço dos indivíduos e dizia “aguenta sem chiar”, se o aluno aguentasse estava matriculado, caso contrário, ia aprender em outro lugar (1994, p. 61). O mestre contava isso rindo e fazendo chacota dele mesmo, afirmando que perdeu muitos alunos e dinheiro, porém justificava ser um procedimento de *macho*.

Os ex-alunos de Mestre Bimba não gostam de serem chamados de ex-alunos, justamente por que se dizem permanentemente discípulos e continuam aprendendo com os ensinamentos do mestre até os dias de hoje, colocando em prática no cotidiano as suas lições, como uma filosofia de vida.

As dificuldades já observadas, nos levaram a questionar os entrevistados, com a finalidade de tentar entender melhor de que maneira as pessoas chegavam até o CCFR, e que impressão tinham de Mestre Bimba no primeiro contato com ele.

Cafuné assim contou suas impressões:

Foi muito forte, até por que a minha chegada lá na academia, teve também uma curiosidade, eu li uma reportagem dele no jornal, falando da capoeira Regional, foi o que me despertou, falando sobre a luta regional baiana, da defesa pessoal que ele ensinava, foi o que despertou a vontade de ir até lá e conhecê-lo e, realmente fui, e fui apressado como é a minha maneira de ser às vezes, bati na porta e pedi para falar com Mestre Bimba e um aluno me atendeu, me levou até ele e perguntei, mestre posso assistir uma aula? Ele chamou o aluno que me havia levado até ele e disse, pegue ele e mostre na porta, feche a porta e mande ele lê o que tem escrito lá. Eu voltei até a porta e li, estava escrito: aula dois mil, mensalidade dois mil, visita dois mil, então o mesmo preço de uma mensalidade seria o mesmo preço de uma visita, então eu raciocinei, bom então, se eu vou ter que pagar, vou pagar logo uma mensalidade e ficar. Foi uma impressão muito forte, porque aquilo demonstrou uma personalidade e uma capacidade muito grande dele botar a gente com o pé no chão e mostrar o que é que você tá fazendo ali (*sic*).

Gato Branco reportou-se ao primeiro encontro, dizendo que já tinha um conhecimento da Capoeira Regional, pois seu irmão, Fernando (Cancão-de-fogo), era aluno formado de Mestre Bimba e costumava levar até sua casa seus colegas, contemporâneos da academia, entre eles Sacy e Acordeon.

Conta, ainda, que passou a querer frequentar as aulas de capoeira, porém sofreu resistência de seu pai. Quando conseguiu se desvencilhar dessa imposição, foi à academia acompanhado por dois amigos da rua.

[...] fui lá na academia do mestre para me matricular, quando cheguei lá foi que eu vi aquele homão, forte, austero, ele me perguntou o que é que eu queria lá. A primeira impressão não foi muito boa, mas eu disse que queria aprender capoeira, ele perguntou já jogou capoeira angola? Fez alguma luta? E eu então respondi, não, não fiz nada eu estou aqui querendo começar do zero, aprender, e ele disse então tá certo, me dê seu pescoço aí pegou meu pescoço, me deu uma gravata apertou e quase me mata, então a experiência que eu tive com ele, foi a pior possível no início, mas, como eu consegui segurar a onda com aquela gravata e talvez tenha ficado o tempo que ele achou necessário, então ele me aprovou e dali em diante eu virei amigo do mestre. Acordava de manhã cedo, e às vezes ficava até duas horas conversando com ele (*sic*).

Medicina relata que o seu primeiro encontro com Mestre Bimba não foi dos melhores, pois sentiu uma “sensação de medo devido ao seu porte atlético, sisudo, de poucas palavras, exigia respeito sem grosseria, talvez devido ao local em que sua Academia funcionava”. Medicina cita ainda que “apesar da academia funcionar na Rua das Laranjeiras, zona do baixo meretrício de Salvador e de frequência constante de marginais, ele nunca viu as pessoas consumindo drogas, a não ser álcool e tabaco”.

Do seu primeiro contato com Bimba, Arara conta:

Quando eu decidi entrar na capoeira, eu já tinha optado por ela, apesar de ter visto mais Capoeira Angola do que a Capoeira Regional. Fui ver então a Capoeira Regional, ensinada na Academia de Mestre Bimba. Entrei e me dirigi ao Mestre Bimba e, quando me dirigi a ele, fiquei na dúvida se ele era realmente o Mestre Bimba, porque eu tinha uma idéia diferente de Mestre Bimba, então encontrei um senhor alto e forte, já de meia idade, pois eu imaginava Mestre Bimba com uma conformação física diferente. Mestre Bimba não era uma pessoa de estar com os dentes abertos para estranhos, me recebeu bem, mas sem nenhuma cortesia especial. Conversei um pouco com ele, fiz algumas perguntas sobre a idade das pessoas e horários e, a partir daí, já saí decidido a voltar para me matricular na Capoeira Regional (*sic*).

Sacy comenta com emoção a sua entrada na academia de Bimba:

Coisa legal que aconteceu na minha vida. A gente ouvia falar de Mestre Bimba como se fosse uma lenda. Qual garoto de rua da época que não ouvia falar da capoeira de Mestre Bimba? De repente chegou um amigo meu chamado Chicão que treinava capoeira em Mestre Bimba e me disse que estava treinando com Bimba. Para mim foi uma grande surpresa. Disse então para ele, rapaz me leve lá. Com menos de uma semana já estava eu lá. Quando entrei, me senti como se tivesse entrando, é até difícil de explicar, entrar na Academia de Bimba era como se estivesse entrando na Academia de Agulhas Negras, na Escola de Cadetes em Barbacena ou Campos dos Afonsos, para ser um militar. Para mim era como se tivesse indo ao encontro dos verdadeiros deuses, uns verdadeiros ídolos. Quanto à figura do mestre a gente nem tem palavra para descrever. Eu olhava para aqueles capoeiristas como Camisa Roxa, Cabeludo e pensava quando chegaria a ser um deles. É difícil explicar certas coisas, certos acontecimentos e somente aqueles que passaram pela Academia de Mestre Bimba são capazes de ter alguma explicação plausível (*sic*).

Itapoan menciona que foi levado à academia por um primo. Assistiu à aula do canto da sala, todavia com a atenção para Bimba tocando berimbau, dando as suas ordens, comandando aquele ritual todo e então ficou deveras impressionado com aquilo tudo que via e com o dinheiro do judô se matriculou na capoeira. “Quer dizer a primeira impressão que eu tive foi muito forte dele, tanto que eu continuei até ele ir embora e morrer em Goiás” e ressalta que “quando Bimba gostava de você, ele conversava legal, mas ele era muito fechado com as pessoas estranhas, era uma pessoa direta nas respostas, não tinha meias palavras”.

Sariguê disse que recebeu dinheiro de sua mãe para se matricular no Karatê na Academia de Caribe e como não sabia andar direito na cidade, pela pouca idade que tinha, acabou visitando as academias de capoeira de Pastinha e Caiçara. Somente depois, um amigo seu o encaminhou para a academia de Mestre Bimba. Chegando lá, mostrou ao mestre um “bolinho” de dinheiro dizendo que queria se matricular naquela capoeira. Disse ainda que o mestre ficou eufórico e comentou que se todos os alunos viessem à academia com tanto dinheiro assim ele estaria rico. Sariguê afirmou que o dinheiro que usou na matrícula serviu para pagar várias mensalidades.

Boinha falou que seu interesse em aprender a Capoeira Regional tinha como principal motivação preparar-se para se defender das brigas de rua. Comentou que conhecia Mestre Bimba de nome, já tinha ouvido falar muito dele, pelos jornais e pessoas. Passou a querer ir até a academia, para ver como era a coisa e se possível se matricular. Porém, expõe que para chegar até a academia não era tão simples assim, precisava de alguém para levá-lo e apresentá-lo ao Mestre Bimba. Afirmava ainda que as pessoas poderiam chegar diretamente a Bimba, contudo passavam por um “interrogatório”, em que Bimba perguntava: “Quem é você? Qual sua família? Você vem de onde? Você estuda onde? Ele tinha um cuidado de saber quem eram as pessoas. Era cuidadoso e eu não sei onde ele aprendeu aquilo”. Ressalta que nos dias de hoje não percebe essa mesma preocupação com os atuais mestres de capoeira.

Ao entrar na academia, ficou surpreso porque se deparou com um homem alto, forte e com voz grossa. Essa primeira impressão lhe foi acrescentada de emoção, quando Mestre Bimba, o pegou pela mão para ensinar a gingar: “quando o mestre pegou minha mão me passou uma energia diferente, algo que tomou conta de meu corpo, de cima, da cabeça até os pés, que nunca vi em outro lugar”.

Geni começou o seu aprendizado pela Capoeira Angola e o seu mestre foi Canjiquinha, que o estimulou a experimentar a Capoeira de Rua. Inquieto, resolveu “assistir a Capoeira Regional de Bimba na academia dele” e para isso pagou ingresso. “Esse primeiro contato não foi muito bom, justamente por que eu treinava na academia do Mestre Canjiquinha”. Disse então, que “Canjiquinha era uma pessoa bastante aberta; brincalhão, gozador; e todo mundo dizia que ele era a ‘alegria da capoeira’”. Chegando na academia de Bimba, encontrou uma pessoa sisuda, fechada, que o cumprimentou com um simples “boa-tarde!”, indicando-lhe o banco para ele sentar. Geni sentiu um certo desconforto, ficando, como ele disse, “meio cabreiro”. Assistiu um pouco da aula e foi embora.

Nestes depoimentos, observamos que existia de fato uma certa dificuldade para fazer parte do CCFR, quer seja pela localização, quer seja pelos preconceitos com a capoeira da época e até mesmo pelo misticismo que envolvia a figura de Bimba, como um profissional da capoeiragem baiana, um mestre de capoeira.

Para entendermos melhor essa situação, temos que lembrar das exigências que Mestre Bimba fazia para os candidatos a seus discípulos. A primeira a pontuarmos era que Bimba só aceitava na sua escola pessoas que fossem estudantes e/ou trabalhadores, chegando

mesmo a solicitar a Carteira de Trabalho. A segunda exigência era a cobrança de matrícula e mensalidades, o que já, definitivamente, selecionava os seus alunos, oportunizando apenas àqueles de poder aquisitivo maior, normalmente pessoas das classes média e alta da sociedade baiana. A terceira, eram os exames de acesso à academia, nada convencionais.

O preconceito com a prática da capoeira na época e a figura emblemática de Bimba, inclusive por ser negro, resultavam numa certa apreensão dos jovens, futuros alunos e seus familiares, sobre os relacionamentos e os conteúdos educativos a serem conquistados. Talvez estes motivos sejam os principais geradores de tensão, quando da chegada à escola de Bimba. Chegar a um lugar desconhecido, passando por uma rua malcheirosa, sob os olhares das prostitutas, sentadas debochadamente na frente de suas casas em ruínas, feias e caindo aos pedaços, já era um “trauma de chegada”.

A academia de Mestre Bimba gozava de bom conceito na sociedade baiana, era falada pelos seus alunos, pela qualidade da capoeira ali jogada, das façanhas do mestre e dos seus alunos. Quando postos à prova, davam bem conta do recado.

Chegar ao CCFR acompanhado de um aluno mais antigo parece que trazia conforto, maior segurança, tranquilidade, maior confiança e era também uma referência importante para um bom início de curso.

Existem indicativos de que essas primeiras dificuldades eram compensadas pela boa impressão que tinham do Mestre Bimba, embora nem sempre sendo recebidos com cortesia especial e bem-humorada, mas, sobretudo, pela admiração de conhecer um homem austero, forte, decidido, claro nas suas exposições e que inspirava confiança.

ENSINANDO A GINGAR

O próximo passo era o ensino da ginga e para isso o mestre convidava o aluno novato ao centro da roda, frente a frente, pegava-o pelas mãos e ensinava primeiramente os movimentos das pernas e a colocação exata dos pés, para, em seguida, realizar o movimento em coordenação com os braços, agora soltos, fixando a “guarda alta”.⁴ Esse momento era importantíssimo para o calouro, pois lhe proporcionava a aproximação e o toque do mestre, o que lhe transmitia segurança.

Sobre essa fase do aprendizado, Decanio (1996, p. 166-167) assim se refere:

...após a aprovação do Mestre e...
 ...num verdadeiro “exame de admissão”...
 ...verificação das juntas... do equilíbrio...
 ...deslocamento para trás ...etc...
 ...o neófito era aceito sob o grau de **CALOURO**...
 ...e descansava no “bancu”!
 ...na próxima sessão recebia a aula inicial...
 ...o Mestre pegava pelas duas mãos do calouro...
 ...puxava a dança do gingado...
 ...em seguida abandonava as mãos do aluno...
 ...demonstrava a “guarda alta”...
 ...levando a mão até a frente... sem cobrir os olhos!

...enquanto a outra descia para trás...
 ...em proteção ao flanco...
 ...mantendo o equilíbrio...

Cafuné retrata a primeira aula, dizendo que teve medo pela falta de confiança nele próprio, quiçá não fosse capaz de fazer os movimentos da capoeira. Então, “Mestre Bimba me convidou para ir ao meio da sala e ali ele pegou na minha mão, solicitando que fizesse o que ele fazia com todo mundo: queda de rim, para um lado e para o outro, cocorinha e depois a ginga”. Salienta que a particularidade do mestre em pegar na sua mão, lhe passou uma energia muito grande naquele momento, lhe transmitindo confiança instantânea.

Escurinho, descrevendo a sua primeira aula na academia, disse que frequentava a turma das seis horas da manhã, na qual participavam poucos alunos, aproximadamente oito, e um aluno mais antigo de nome Borba ensinou a ele os movimentos básicos da capoeira, os movimentos da sequência. Por praticar outros esportes, teve facilidade em aprender rapidamente os movimentos. Sobre seu exame de admissão, ressaltou, afirmando:

[...] o primeiro movimento que você fazia era a cocorinha, depois fez a queda de rim para direita e esquerda, também de frente tocando os calcanhares atrás, depois tinha que fazer o aú, para esquerda e direita e finalizava com o deslocamento para trás com a ajuda de Mestre Bimba, que apóia a mão nas costas (*sic*).

Medicina também comentou sua primeira aula, dizendo que foi “introspectiva e com receio”. Aquele “ambiente da academia, a presença do Sr. Manoel dos Reis Machado, da sua mulher Dona Alice, de alguns alunos já graduados e outros treinando, outros tocando berimbau, me davam a sensação de prazer interior e ao mesmo tempo me perguntava: como fui parar naquele espaço?”

Itapoan salienta que na primeira aula “Mestre Bimba com aquele hábito de segurar nas mãos do seu aluno, ele selava ali, uma parceria com você, que eu acho que não existe mais, essa parceria nos dias de hoje. Aquela arte de segurar a mão da gente ali, rapaz, filosoficamente até os caras falam assim, aquilo ali é pra te mostrar a volta que o mundo dá” (*sic*).

Galo, falando dos orientadores que norteiam sua vida, cita quatro personalidades: a primeira, seu pai, Manoel de Oliveira Figueiredo; a segunda, Prof. Edaumo Souza Couto, professor-orientador do mestrado na Universidade de Minas Gerais; a terceira, Prof. Mathews Stober, orientador do curso de doutorado na Alemanha; e a quarta, Manoel dos Reis Machado. Galo faz questão de frisar que todos eles têm sua importância singular, não necessariamente nesta ordem.

Sobre Mestre Bimba, ele chama a atenção que:

[...] não só ele pega na nossa mão, nos auxiliando nos primeiros passos, mas não só os passos físicos, ele dá também a orientação dos passos, eu diria até do equilíbrio emocional; transporta naquele momento uma energia muito forte, que transmuta a Capoeira, auxiliando na vida e até o nosso sucesso como pessoa. [...] Na primeira aula, ele realmente..., o primeiro dia é impressionante, quando o mestre em uma roda pega na sua mão, de frente pra você, lhe olha fundo nos olhos que vai até o pé, depois sobe para a cabeça, que lhe dá aquela emoção da responsabilidade diante daquele homenzarrão e ele ali desce ao nível do discípulo,

fazendo-o compreender toda aquela energia, talvez ele, naquele momento, não estivesse nem sabendo da sua força espiritual, do que estava transmitido aos seus alunos. Esse para mim foi o primeiro impacto, ele mostra os passos, ele começa a gingar na sua, naquele momento (*sic*).

Almeida cita que Acordeon — aluno conceituado de Bimba do final da década de 1950 — comenta o ato de ensinar do mestre, afirmando: “[...] ele era forte na alma, tinha uma faca no olhar que cortava a gente de cima a baixo quando estava a ensinar” (1994, p. 14). Essa asserção de Acordeon vem confirmar o momento mágico da primeira aula, do primeiro encontro com o mestre, o qual Galo explica que esse ato de Mestre Bimba, de pegar nas mãos do seu aluno, não finda ali, como algo instantâneo e rotineiro, mas se perpetua para a vida inteira, o que ele chama de “a arte de gingar com a vida”, tomando novos significados ao passar dos anos.

Não encontramos uma referência absoluta de que todos os alunos que entrassem na Academia de Mestre Bimba teriam a obrigatoriedade de passar pelos exames de admissão e pelo ensinamento da ginga com o apoio do mestre.

Geni conta que antes de entrar no CCFR já praticava Capoeira Angola e teve também uma experiência marcante na capoeira de rua. Idealizou praticar a Capoeira Regional, entretanto foi informado, por um dos alunos de Bimba, Eziquiel, que o mestre não aceitava alunos que tinham praticado com outros mestres.

Decidiu então procurar Tarzan, um aluno de Bimba, para o encaminhar até a academia. Tarzan sugeriu dar-lhe umas aulas, ensinar-lhe a sequência e a cintura desprezada. Depois o apresentou a Mestre Bimba, dizendo ser seu aluno. Geni disse que foi muito bem recebido por Bimba, que brincou com ele e perguntou se ele tinha coragem mesmo de aprender a Capoeira Regional. Geni afirmou que Mestre Bimba, por ele já ter sido iniciado na capoeira, pulou etapas do aprendizado. Teve, assim, contato com Bimba, mas não teve o privilégio de pegar nas suas mãos para aprender a gingar, justamente por ser ele um aluno de Tarzan. Como sua evolução foi rápida, devido à sua experiência com outras formas de lutas, teve a felicidade de ser batizado em pouco tempo por mim (Xaréu).

Bimba desenvolveu um método próprio para ensinar o aluno a gingar. O gingado é um movimento de jogo de corpo, num vaivém em círculos, com transferência constante de peso, ora na perna da frente e ora na perna de trás. Os braços tendem a acompanhar o balanço do corpo, com a função de guarnecer o tronco, se posicionando no plano frontal ligeiramente acima da linha dos olhos e protegendo também o rosto.

A sequência pedagógica desenvolvida por Bimba era bem simples e constava de três etapas: na primeira, o mestre desenhava um quadrado de 40 cm; na segunda, solicitava que colocasse os pés nos pontos A e B, segurava-o pelas mãos e solicitava que o aluno movimentasse os pés em diagonal até os pontos C e D.

Continuava segurando as mãos do aluno até sentir que o movimento ganhava qualidade de coordenação, ficava cada vez mais seguro, mais desenvolvido, mais relaxado, então o mestre soltava as mãos e mostrava o posicionamento dos braços, até o ponto de deixar o discípulo gingando sozinho. Sempre chamava a atenção da coordenação perfeita, braço

direito, perna esquerda e, braço esquerdo, perna direita, fazendo uma analogia com o movimento de andar. Aproveitava a oportunidade para contar uma anedota dizendo que nunca viu ninguém andar na coordenação desengonçada de braço direito, perna direita e braço esquerdo, perna esquerda. Fazia uma rápida imitação e todos presentes riam a valer.

Figura 7 - Quadrado para ensinar a gingar.

Figura 8 - O mestre segurando o aluno: primeiros passos.

Figura 9 - O mestre solta o aluno para gingar sozinho.

Figura 10 - Mestre Bimba e seu aluno Fabrício.

Fontes: Mestre Itapoan e livreto do Curso de Capoeira Regional Mestre Bimba.

ENSINANDO A SEQUÊNCIA

Na aula seguinte, o mestre convidava um aluno formado para ensinar a sequência, que é composta de oito partes, referenciadas por uma imbricação lógica de movimentos de ataque, defesa e contra-ataque. Moura diz ser a sequência um conjunto de lições práticas e eficientes, baseada em golpes e contragolpes, possibilitando ao aluno aprender capoeira no menor espaço de tempo possível (1968, p. 5).

Itapoan salienta que:

[...] essa sequência era destinada aos alunos iniciantes, é um método para calouros e não para alunos formados, tarimbados. O objetivo era criar uma consciência no aluno, da necessidade de sempre que atacado, aplicar uma defesa e um contra-ataque criando assim uma situação de jogo e se condicionando para tal (*sic*) (1994, p. 83).

Na nossa experiência, esse método funciona como um jogo de ensino-aprendizagem pelo qual os iniciantes aprendem jogando, pois a realização contempla a participação de dois alunos simulando um jogo de capoeira, como se estivessem dentro de uma roda. Nessa prática, considerada por Mestre Itapoan como o maior “Katá”⁵ do mundo, cada aprendiz executa 154 movimentos e a dupla 308.

Decanio considera a sequência de ensino uma obra prima, uma invenção de concepção genial e fundamental para o ensino da Capoeira Regional. É um conjunto de golpes indispensável de ensino, sendo praticada sem o som do berimbau e é formada de movimentos básicos do jogo da Regional. Tem a vantagem de proporcionar um aprendizado rápido, eficiente, e serve para divulgar e proporcionar uma boa formação capoeirística. (1996, p. 168).

Na metodologia não cabia Mestre Bimba fazer a sequência com todos seus alunos e em todos os horários, especialmente na dedada de 1960 (período que estudei capoeira com ele), quando a idade avançada não permitia tamanho esforço.

Outro motivo que reputo como verdadeiramente importante era o de oportunizar uma relação de aproximação entre o aluno novato e o aluno mais antigo, geralmente um aluno graduado na academia, um aluno formado.

Medicina, abordando o seu início no estudo da capoeira com Bimba, reporta-se dizendo que Bimba convidou “um aluno já formado para lhe ensinar os principais golpes da arte de ser capoeirista até o final da aula”. Aqui cabe um registro, um esclarecimento sobre este ato. Mestre Bimba dava liberdade para os dois alunos aproveitarem o tempo da aula, no sentido de praticarem a sequência, assim, se por qualquer motivo, o calouro não se adaptasse ao companheiro, o que era raro, poderia trocar por outro colega da aula.

Cafuné, reportando-se a suas primeiras aulas, relembra da apreensão que lhe tomou conta no momento que Bimba lhe solicitou que repetisse os golpes, mas, com o passar do tempo, foi ganhando segurança, principalmente quando realizou os movimentos frente a uma cadeira. Com o recurso didático da cadeira, usado por Bimba, Cafuné disse que ficou com “menos medo, porque o que estava ali era uma cadeira e não um adversário, até que um dia eu comecei a fazer a sequência já com um colega, eu já estava com um pouco mais de confiança, mas ainda, muito tímido, muito medroso também”.

A utilização da cadeira aparece na fala de Cafuné como um fato novo, um artifício didático, que o mestre usava antes de ensinar a sequência diretamente. Podemos considerar uma etapa deveras importante, pois possibilitava ao aluno iniciante experimentar alguns golpes básicos integrantes da sequência. O exercício consistia no aluno ficar de frente para uma cadeira comum de madeira com encosto alto, gingar como se ali tivesse um outro capoeirista e então era solicitado que desferisse os golpes: duas meias-luas de frente, armada, duas queixadas, meia-lua de compasso, entre outros golpes. A utilização da cadeira tinha vida útil, pois com o tempo o aluno cada vez mais desenvolto acabava se exercitando de maneira mais completa, ou seja, jogando capoeira com a cadeira quando da ausência de outro capoeirista. Essa estratégia didática está marcada na lembrança de todos os alunos de Bimba.

AS AULAS

A aula propriamente dita consistia de uma metodologia simples, porém bastante eficaz, pelo motivo de deixar os alunos sempre em prontidão, sedentos por uma oportunidade de jogar capoeira, de entrar na roda, no desejo de mostrar para o mestre e demais companheiros, e a si próprios, seus avanços no aprendizado e sua potencialidade.

Primeiramente, o mestre reunia todos os alunos daquele horário em volta da roda e solicitava aos mais antigos, com mais experiência, preferencialmente os alunos formados, que, dois a dois, realizassem a sequência da cintura desprezada, uma combinação de golpes ligados e de projeção que têm como finalidade treinar o capoeirista para se defender de uma situação de enfrentamento em que tivesse pouco espaço. Por esse motivo, a exigência do treino todos os dias e a indicação veemente para que o capoeirista sempre caísse em pé ou agachado, jamais sentado.

Caso acontecesse de cair sentado ou bater as nádegas no chão, era motivo para algum comentário e o mestre muitas vezes autorizava a repetição do golpe, normalmente melhorado na segunda tentativa, pela atenção, concentração e esforço; cabia então ao mestre

fazer algum tipo de elogio. Esses elogios sempre aconteciam em poucas palavras, ou ele simplesmente dizia: “Bonitooo!!!”

Essa comunicação pontual feita ao aluno tinha uma conotação importantíssima, pelo fato de ser uma advertência in loco, visualizada, sentida e entendida pelo aluno instantaneamente, e vale ressaltar que a chamada acontecia na maioria das vezes nos momentos de acerto, funcionando como um reforço positivo.

Depois, era a vez da sequência de ensino e o mestre mantinha a mesma dinâmica da chamada em duplas, escolhendo comumente os dois alunos de acordo com o tipo físico, a experiência, volume de jogo, velocidade dos movimentos, habilidade motora e a “manha” de jogar.

O passo seguinte era o jogo propriamente dito, o chamado para a roda, no qual a estratégia anterior das duplas prevalecia e as indicações eram também uma constante. Na hora do jogo, a atenção para com o toque do berimbau e jogar no ritmo era uma exigência do mestre. Dizia ele: “o berimbau dita o ritmo a ser jogado; preste atenção ao toque!”. O toque do São Bento Grande orientava para um jogo mais agressivo, pesado, rápido, contundente, objetivo e com golpes mais definidos, o que poderíamos chamar de um “jogo duro”.

A outra possibilidade era o toque de Banguela, incitando um jogo malicioso, baixo, rasteiro, curtido e floreado. Para Decanio, a Banguela ou Banguelinha suscitava um jogo de dentro, corpo a corpo, colado, quase sem espaço entre os jogadores e servia de treinamento para defesa de arma branca. (1996, p. 174).

Mestre Itapoan retrata com propriedade o método de ensino:

O Mestre Bimba possuía um método de ensino simples e eficiente. Todos os dias os alunos (calouros e formados) chegavam à Academia e faziam a “Cintura Desprezada”, uma sequência de golpes, contragolpes e defesas. Em seguida o Mestre pegava seu Berimbau e tocava “São Bento Grande” para todos. Pedia sempre para os Formados “puxarem” os calouros mais velhos. Jogavam alunos com alunos, Formados com Formados e depois alunos com Formados. O Mestre tinha o cuidado de não repetir as duplas todos os dias para não se “acostumarem”. Na sequência tocava “Iúna”, jogo exclusivo dos Formados. Depois da “Iúna” não se jogava mais ao som do Berimbau (*sic*) (1994, p. 79).

Durante as aulas, podemos destacar uma curiosidade didática utilizada por Bimba. Os alunos não poderiam jogar quantas vezes quisessem, o estipulado era jogar apenas uma vez na Cintura Desprezada, Sequência de Ensino, Jogo na Roda e Iúna. Apenas no Esquentar-banho estava liberado o número de participações, era totalmente livre, era o espaço ímpar do aluno.

Falamos anteriormente que a estratégia consistia nas atividades, preferencialmente, em duplas. Quando naquela aula tinha número par de participantes, tudo corria normalmente. Porém, poderia acontecer de contar também com o número ímpar de alunos, aí ocorria uma disputa entre os alunos participantes para quem faria a dobra⁶. Participar mais uma vez era realmente gratificante, uma oportunidade de se aprender mais, de experimentar mais. Esse processo didático me pareceu ser muito rico para o aprendizado da capoeira, pela simples razão de manter os alunos atentos às oportunidades, podendo aguçar o gosto de experimentar.

A seguir, vinha o jogo de Iúna, um privilégio dos formados, um chamado para que todos os alunos formados, participantes da aula ou não, mas presentes na sala, jogassem o jogo da Iúna, um jogo distinto que incita amistosidade, curtição, malícia, mandinga e com a obrigatoriedade do esquete⁷.

Presenciei muitas vezes alunos formados que estavam de passagem pela academia assistindo a aula, às vezes, vestidos a rigor, de paletó e gravata, serem impelidos a entrar na roda, por ser um momento do jogo da Iúna, um instante especial para os formados de Bimba. Outras características do jogo da Iúna eram a ausência de palmas e do canto durante o desenrolar do jogo, sendo permitido, e até mesmo imposto, o aplauso de todos os presentes no final do jogo.

Para fechar a aula, Bimba anunciava de maneira evidenciada o esquentar-banho: “esquentar-banho, que bonito!”. Esse momento era esperado com ansiedade por todos os alunos, uma ocasião singular do aprendizado da Capoeira Regional. Os alunos tinham a liberdade de treinar golpes, rasteiras, bandas, vingativas, balões cinturados e até de desafiar outros capoeiristas.

Vale lembrar que toda essa liberdade era supervisionada pelo mestre, sempre atendo ao desenrolar da roda. Chamava a atenção daqueles que extrapolavam, principalmente se fosse usada violência, golpes ilícitos ou que infringissem as “regras” estabelecidas.

Incentivava seus alunos reconhecendo o potencial de cada um, indicando os melhores caminhos para se lograr o sucesso, quer seja nos golpes, no jogo e na vida pessoal. Era comum contar rápidas histórias, que ilustravam sobremaneira aquela situação, acompanhadas de fundo disciplinar e moral.

Outras vezes, aproveitava para ensinar novos golpes, uma defesa especial, mas não era nada rigidamente planejado, ficava sempre a critério dele, ao tempo e hora, que com sua experiência sabia aproveitar bem a motivação da classe.

O esquentar-banho era o paraíso dos alunos formados, os “bambas” de Bimba. Eles se destacavam pelos desafios que proporcionavam; escolhiam a dedo seus adversários, alguém que durante o jogo tinha acertado um golpe maldoso e esse espaço era destinado a “desforrar” aquela porrada. Também queriam mostrar por que eram chamados de “bambas”, pois desafiavam dois, três ou mais companheiros de uma só vez. Um detalhe marcante consistia em um aluno formado convidar outro formado e às vezes alunos mais experimentados para o centro da roda. Um terror! Não se tinha a opção de não aceitar, não cabia uma desfeita dessa natureza e o pior era passar por frouxo. Um aprendizado e tanto.

O mestre também não relutava em dar bronca naqueles que saíssem da linha; reclamava com firmeza, austeridade e conhecimento de causa e todos os presentes demonstravam respeito, acompanhando atentamente o desenrolar do fato.

Todo esse cuidado tinha um significado especial, ao tempo em que o mestre facultava um tempo livre dentro de sua sala de aula com o objetivo dos alunos experimentarem as mais variadas possibilidades de aprendizado, utilizando suas próprias descobertas, saindo assim da rigidez didática; Bimba mediava, supervisionava e estabelecia regras simples para

serem seguidas por todos os alunos, sem distinção de graduação, inclusive recomendando cuidados expressos para os alunos mais novos.

Menino, quem foi seu mestre? Meu mestre foi Salomão. Sou discípulo que aprendo, sou mestre que dou lição.

Existem seguramente oito autores que escreveram sobre Mestre Bimba e a Capoeira Regional. Todos eles tiveram uma preocupação biográfica, histórica, técnica e até filosófica. Entretanto, existindo uma carência sobre o processo pedagógico, as atividades de ensino e o relacionamento de Bimba com seus alunos, bem como o reflexo na vida pessoal e profissional de cada um deles.

Entendo ser relevante estudar mais a fundo o ato pedagógico e a metodologia usada por Mestre Bimba para ensinar a Capoeira Regional, assim como o relacionamento dele com seus discípulos e as consequências desse aprendizado na vida pessoal de cada um. Relevante ainda no sentido de poder mostrar que Mestre Bimba, não somente criou a Capoeira Regional como arte, luta, defesa pessoal, mas, sobretudo, se preocupou também em alcançar seus objetivos de maneira coerente com seus propósitos e por isso buscou sedimentar sua prática de ensino em processos pedagógicos e didáticos simples, fundamentados na sua experiência de vida.

Paulo Freire, em reflexão sobre o ato de ensinar, assevera a necessidade do comprometimento e da autoridade. “Não posso escapar à apreciação dos alunos. É a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho” (1966 p. 96-108). Destaca a importância da autoridade, dizendo ser crucial uma atitude forte, afetiva e democrática possibilitando ao aluno uma percepção clara de segurança e esperança.

Na disciplina Ludopedagogia III, ministrada pelos professores Cipriano Luckesi e Bernadete Porto, na Faculdade de Educação da UFBA, em 2005, foi enfatizada a relação entre educador e educando. Luckesi, reportando-se ao sujeito da práxis pedagógica e à relação do educador com o educando, declara que o indivíduo, para exercer o papel de um mestre ou educador, tem que ter compromisso político, competência teórica e técnica, salientando, ainda, que a “arte de ensinar”, o processo educativo, deve contemplar o envolvimento afetivo e o desejo determinado da elevação cultural dos educandos (1994, p. 117).

Tendo frequentado o Centro de Cultura Física Regional durante sete anos e convivido de perto com Mestre Bimba e seu grupo folclórico formado por seus alunos, tocadores de berimbau convidados e as baianas, lideradas por mãe Alice, sua esposa, sempre percebi seu compromisso e coerência com o ensino da Capoeira Regional e o quanto o mestre era verdadeiro no trato da sua arte e na qualidade do relacionamento com seus alunos, valorizando enormemente a disciplina, a ética, os princípios e o respeito.

Entendemos que a pedagogia vigente de Mestre Bimba tinha como substrato a sua visão de mundo e de homem, baseada na sua experiência de vida o que o conduzia a uma prática educativa bastante realista, conectada com o mundo da época. Podemos até afirmar que a sua filosofia de educação forjava sua práxis educativa.

Referindo-se à metodologia utilizada por Bimba, e ao jeito dele transmitir seu ensinamento a seus alunos, Gato Branco assim comenta:

Mestre Bimba era uma pessoa muito prática, ele era muito objetivo, dentro do jeitão dele. Se ele percebesse que a gente desse um aú errado, que não fosse uma coisa que servisse realmente para a capoeira, a não ser fazer folclore que às vezes ele não gostava muito, ele queria o cara mais duro, mais objetivo, ele parava ali e dizia que não era assim e tal, ele era muito objetivo nas coisas e, também deixava a gente muito solto, à vontade, no momento que ele ensinava as sequências, e o resto era pau puro lá e cada um por si. Agora ele interferia na hora em que achava que a gente não estava fazendo a coisa corretamente. Por exemplo, de vez em quando tinha uns que gostavam de dar uma bênção com o pé de ballet, esticado, e ele dizia que ali não era lugar de bailarino não, bênção não se dá assim, e aí mandava um outro colega dar uma bênção na gente mesmo para arrebentar a boca do balão, para mostrar que aquilo era jogo de homem. Então, ele tinha essa metodologia para mostrar que a capoeira não era somente dança, capoeira era também defesa pessoal. Eu o achava objetivo na metodologia dele (*sic*).

Mestre Itapoan, referindo-se ao método de ensino e à dedicação de Bimba, cita que “o seu método era artesanal, ele gostava de pegar aluno por aluno e ensinar certos movimentos” (1994, p. 80). Santos diz que “durante as aulas ninguém dava um ‘pio’, pois as atenções sempre se achavam completamente voltadas para suas explicações e ensinamentos”, e complementa ressaltando o comportamento do mestre: “ele, somente ele, era quem quebrava a monotonia, às vezes com uma crítica enérgica seguida de uma orientação complacente, dirigida ao aluno que falhava na aplicação de um golpe, contragolpe ou que esquecia determinada parte da sequência de golpes” (1996, p. 33).

As citações acima, que representam a vivência dos autores e ex-alunos, nos fazem imaginar que Mestre Bimba “pensava certo a capoeira” em todos os sentidos e abrangências. Sobre “pensar certo”, Paulo Freire assegura que ensinar não se resume apenas em transferir conhecimento, é fundamental ter uma postura exigente, muitas vezes difícil e penosa que o docente tem que assumir diante do outro e com os outros, em face da realidade concreta (1996, p. 49).

Torna-se verdadeiramente importante que o educador tenha clareza de seus atributos na compreensão da realidade em qual está inserido, o comprometimento político e a competência teórica e prática no campo em que atua, bem como uma atitude profissional marcante.

Ainda sobre este assunto, e especificamente sobre a relação mestre-aluno, Abreu assim se referiu:

O ensino da capoeira passava a ser ministrado como atividade profissional, podendo a relação mestre-aluno também se efetivar como cliente-fornecedor (vista a grosso modo), passível de alterar os aspectos culturais de intimidade e afetividade entre mestre-aluno que estavam contidos no processo de iniciação anterior (1999, p. 38).

Para Abreu, essa relação no ensino da capoeira sustentada por Bimba é uma grande novidade, que chama de “novidade radical” no universo da capoeiragem baiana, principalmente por que até então a capoeira era aprendida de “oitiva”.⁸

Parece que Mestre Bimba compreendia claramente a sua responsabilidade de mediador entre a cultura elaborada, acumulada na sua vivência como homem do povo, adquirida nas suas experiências vividas no cais do porto, como trapicheiro e em outras esferas, no exercício das profissões de carroceiro, carvoeiro e das rodas de capoeira. Experiências essas

acumuladas pela sua sobrevivência e na busca constante de seu sonho, o de ser um mestre de capoeira e viver como um profissional da arte de capoeirar, um educador da capoeira.

Seu ex-aluno Muniz Sodré, reportando-se às lições de Mestre Bimba, lembra que foram lições “salomônicas”, adquiridas na convivência com o mestre na roda da Capoeira Regional:

Do curso na academia de Mestre Bimba, de todo aquele período, ficaram-me lições “salomônicas”, dessas que se guardam para toda a vida. A primeira foi dada pela experiência de ver conviverem democraticamente em um mesmo espaço (de certo modo, semelhante à boa escola pública, aquela idealizada por Anísio Teixeira) ricos e pobres, escuros e claros, como já disse antes, gente da elite e gente da plebe (2002, p. 70).

A citação de Muniz Sodré deixa claro todo um sentimento de ter convivido em uma escola cujo mestre interagiu com seus alunos de maneira democrática, fazendo valer uma premissa dos iguais, sinalizando abertamente sua práxis pedagógica, demonstrando a compreensão da realidade na qual estava atuando. Nesse particular, o mestre fincava suas bases da educação fundamentada na sua vivência histórica, cultural e nas relações de classe. Essa compreensão parece ter sedimentado o sonho de criar uma nova capoeira, a Capoeira Regional, que viria a romper com o *status quo* estabelecido.

Esse estado democrático existente no Centro de Cultura Física Regional, ou seja, na academia de Mestre Bimba, suscitava uma ação ativa e participativa dos seus alunos.

O mestre criava um ambiente de constantes desafios. Itapoan, em suas palestras sobre a Capoeira Regional, afirma ter adquirido o gosto pela história do Brasil quando Mestre Bimba, certa feita, em plena apresentação de capoeira, o convidou a falar para um grupo de turistas sobre a Capoeira Regional.

Cafuné diz que, após ter sido batizado com seu apelido, ficou intrigado e até mesmo desapontado, pois os apelidos para os capoeiristas da sua época eram sugestivos de homens valentes, a exemplo de canhão, onça, filhote de onça, quebra ferro, malvadeza etc. Porém, depois do desapontamento e de uma reflexão banhada pela brisa que soprava na praia de Amaralina, entendeu que o seu apelido não tinha nada de pejorativo, mas sim de desafiador, de superação mesmo; ele não tendo um porte físico avantajado, tinha de se superar na técnica e no conhecimento. Relata que esse desafio mudou sua vida, que amadureceu e que se tornou homem.

Pessoalmente, o meu desafio foi o de vencer minha timidez e a ginga, não somente alongou meus músculos, mas, sobretudo, alargou meus horizontes além da roda, remetendo-me ao caminho da conquista dos meus sonhos. Lembro-me perfeitamente de quando incluí o aquecimento na aula das 14 horas. Já tinha conhecimento da importância de iniciar a aula com uma movimentação global e multilateral dos músculos, articulações e ativação das grandes funções. Os colegas me solicitavam que puxasse o aquecimento e o mestre permitia, mas ficava olhando, atento a todas as movimentações, sem uma interferência direta. Hoje, entendo que Bimba valorizava a iniciativa dos alunos, proporcionando-lhes confiança e estímulo.

Mestre Bimba, apesar de durão em suas atitudes, estava sempre atento às possíveis contribuições de seus alunos. Com sua aproximação e convivência com os alunos de medicina, ele incorporou à sua pedagogia elementos pertencentes ao meio universitário, a exemplo da admissão, formatura, madrinha, paraninfo, orador e quadro de formatura.

Como educador, Bimba parecia dominar inteiramente a sua práxis pedagógica. Tinha coerência com sua proposta do ensino da Capoeira Regional, estava sempre atento aos seus alunos, utilizando uma didática bem particular, através da qual motivava seus alunos a crescerem e a se desenvolverem, não apenas no jogo da capoeira, mas como indivíduos e como cidadãos.

Os alunos tinham o mestre como uma grande referência, um homem austero, disciplinador, exigente, humorado que transmitia confiança e encorajava pessoas. Os alunos se sentiam estimulados em reformular sua cultura, eram capazes de perceber seus limites e suas potencialidades. Eram capazes de criar novos movimentos capoeirísticos, eram capazes de trilhar seus próprios caminhos e elaborar sua própria história.

¹ A academia de Mestre Bimba foi registrada, em 1937, pela Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Pública do Estado da Bahia, como Centro de Cultura Física Regional (CCFR).

² Comunicação pessoal de Jair Moura, em 11 de julho de 2005.

³ Nome que Mestre Bimba dava à mulher enamorada.

⁴ Movimento de defesa na posição em pé, elevando a mão com a palma voltada para baixo até a altura da testa, sem cobrir os olhos, enquanto a outra mão permanece ao lado do corpo em proteção ao flanco.

⁵ Sequência de golpes encadeados do caratê que servem de treinamento e apresentação pública.

⁶ Termo usado na academia de Mestre Bimba para aquele aluno que realizaria mais uma vez a Cintura Desprezada, Sequência de Ensino, Jogo e Iuna.

⁷ Jogo exclusivo da Capoeira Regional, que tem a obrigatoriedade da utilização dos golpes de projeção da Cintura Desprezada ou outros desenvolvidos pelos alunos, de acordo com sua criatividade e habilidade.

⁸ Sem a experiência de um método pedagógico, apenas pela observação, tentativa e erro.